



IDEIAS E CRÍTICAS

QUANDO A EMBARCAÇÃO DO NOVO COLOMBO ENCOSTOU ÀS MARGENS DO SÃO FRANCISCO: WILSON LINS¹ E A RECEPÇÃO DE NIETZSCHE NO SERTÃO BAIANO

Roberto Sávio Rosa

Professor de Filosofia do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/BA. Autor e Coordenador do Projeto de Pesquisa **A recepção de Nietzsche no Brasil a partir da Bahia: Wilson Lins e sua circunstância**. Pós-Doutorando vinculado à Università Degli Studi di Torino sob a orientação do Professor Gianluca Cuozzo.

Gianluca Cuozzo

Direttore del Dipartimento di Filosofia e Scienze dell'Educazione. Professore ordinario dell'Università degli Studi di Torino (Filosofia Teoretica, Filosofia della Natura, Classici della filosofia). Postdoctoral Fellow in Historical and Philosophical Sciences (November 2000), Università degli Studi di Torino. Ph.D. in Hermeneutics (May 30, 1997), Università degli Studi di Torino. Orientador.

Lays Silva Santos e Rafael Ribeiro de Almeida

Graduandos em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/BA. Pesquisadora vinculada ao Projeto de Pesquisa **A recepção de Nietzsche no Brasil a partir da Bahia: Wilson Lins e sua circunstância**.

RESUMO

O texto se caracteriza como contribuição à história da filosofia no Brasil e tem como objetivo geral analisar a obra de Wilson Lins, considerando-a de fundamental importância para os estudos referentes à recepção das ideias de Nietzsche no Brasil, a partir da Bahia. A metodologia de investigação se caracteriza como do tipo bibliográfica e conceitual. Em linhas gerais apresenta um estudo a respeito da produção filosófica de Nietzsche considerando o período compreendido entre os anos de 1869 a 1873 e, no que diz respeito à recepção e compreensão hodierna dos conceitos em território brasileiro investiga a produção visionária de Wilson Lins de 1939 a 1959, a partir de dois escritos: (1) **Zaratustra me contou...** (1939), que permite associar e fixar os desdobramentos dos estudos em filosofia, literatura, antropologia e arte; (2) **12 Ensaios de Nietzsche** (1945), escritos relacionados à estética do pensador alemão.

Palavras-chave: Wilson Lins, Nietzsche, Zaratustra, Recepção.

ABSTRACT

*The following article is characterized as a contribution to the history of philosophy in Brazil and aims to analyze the work of Wilson Lins, as his work is of paramount importance for the studies referring Nietzsche's idea reception in Brazil, starting from the state of Bahia. The methodology of investigation characterizes itself as conceptual and bibliographic. In general terms it presents a study on Nietzsche's philosophical production between the years 1869 to 1873 and, regarding today's reception and comprehension of the concepts in Brazilian territory, the research investigates the visionary production of Wilson Lins from the years 1939 to 1959, starting from two of his works: (1) **Zaratustra me contou...** (1939), which allows to associate and set the unfoldings of the studies of philosophy, literature, anthropology and art; (2) **12 Ensaios de Nietzsche** (1945), texts related to the German philosopher's aesthetics.*

Keywords: Wilson Lins, Nietzsche, Zaratustra, Reception.

1 Wilson Mascarenhas Lins de Albuquerque, mais conhecido como Wilson Lins, romancista, ensaísta, jornalista e político, nasceu em Pilão Arcado no dia 25 de abril de 1920, sendo seus pais Franklin Albuquerque e Sophia Mascarenhas de Albuquerque. Fez o curso secundário na capital baiana, onde frequentou o Colégio da Bahia e os Ginásios Carneiro Ribeiro e Ipiranga. Além de cronista, foi ensaísta.

12 Ensaios de Nietzsche, A Infância do Mundo e Tempos Escatológicos exaltam o filósofo germânico e, ao mesmo tempo, se aprofundam em questões políticas, existenciais e transcendentais.

Como político, foi eleito deputado estadual em várias legislaturas, foi Secretário de Educação e Cultura do Estado da Bahia e presidiu o Conselho Estadual de Cultura. Como intelectual foi eleito, em 1967, para a Academia de Letras da Bahia. Foi também historiador, antropólogo, sociólogo, folclorista e sociólogo. Registrou de maneira admirável aspectos variados da comunidade onde nasceu e viveu.

“Mais do que um simples estudo, mais do que um livro de leitura agradável, o ensaio sobre o Vale do Médio São Francisco, por exemplo, é um documento, a fazer parte obrigatória da galeria das obras fundamentais, que estudam e explicam as diversas regiões da Bahia”, diz o portal da Academia de Letras da Bahia. Wilson Lins faleceu no dia 4 de agosto de 2004.

Este trabalho pode ser considerado a contribuição da Universidade Estadual de Santa Cruz UESC/BA por meio do Curso de Licenciatura em Filosofia ao incipiente estudo acerca da disposição dos discursos de Nietzsche no Brasil. Os estudos concentram a sua força na chamada discussão promovida por influência de “curiosidades intelectuais avulsas”², termo cunhado nos corredores das instituições de nível superior onde a curiosidade foi banida, a intelectualidade reproduz refrões e a singularidade avulsa deve ceder espaço aos apelos da grei. Não é o caso entretanto de Wilson Lins, escritor baiano, que merece lugar destacado no projeto em curso e procura apresentar reflexões, indagações e suspeitas a respeito do pensamento de Nietzsche e suas implicações filosóficas, sociais, políticas e literárias. Mas qual a importância de tal testemunho? E por que um texto sobre esse assunto em Revista de Arte?

TEXTO

Este texto se pretende um apelo à história da filosofia, da arte e da literatura no Brasil e tem como objetivo geral impedir o ostracismo das idéias e reflexões dos habitantes relegados à margem dos grandes centros. Sua pretensão é analisar aspectos relevantes da obra literária-filosófica desse remanescente da “velha cepa”, considerando-a de fundamental importância para os estudos referentes à recepção das ideias de Nietzsche no Brasil, especificamente, a partir da Bahia.

A pesquisa concernente as inflexões forjadas a partir de ideias nietzscheanas no Brasil ainda está incipiente. São raros os trabalhos hodiernos³, que vislumbram (per)seguir as pegadas do “livre pensador” em terras brasileiras. Tal fato parece apresentar relação direta com a formação do nosso “parque acadêmico” e, também, com o modelo de pesquisa estruturado e vigente. O desenvolvimento investigativo acerca de um determinado autor, para receber aval e reconhecimento público, deve necessariamente percorrer os caminhos sinuosos dos catalogadores a partir das linhas mestras solidificadas nas universidades. Se com a verticalização do saber a partir de exegetas especializa-

2 MARTON, Scarlett. **Nietzsche abaixo do equador – A recepção de Nietzsche na América do Sul**. Editora UNIJUÍ e Discurso Editorial, 2006.

3 Mestre pela Universidade de São Paulo Geraldo Dias é um dos pesquisadores que atentou para o vazio existente na pesquisa acerca da recepção da obra de Nietzsche no Brasil e que procura determinar o seu percurso na imprensa, em revistas especializadas, tendo como referencial histórico o final do século XIX e o começo do século XX.

dos corre-se o risco do anonimato, imagine um tempo em que tal profissional ainda não havia se proliferado! Cabe então a pergunta: mas como e em quais veículos ocorreram as manifestações literárias, as críticas, as apresentações, os debates, antes da estruturação universitária? Elas não existiram?

Segundo trabalho exaustivo de Geraldo Dias intitulado, **Primeiros discursos de recepção da filosofia de Nietzsche no Brasil publicados nos Diários e Periódicos nacionais** (1900-1935) de 2014, as primeiras manifestações acerca da filosofia de Nietzsche no Brasil se encontram em jornais e revistas do final do século XIX e início do XX. Com cuidado acurado, após elencar uma série de artigos e críticos, Dias tece comentários acerca de alguns proeminentes, entre tantos, José Veríssimo e Nestor Victor.

Para não alongarmos nosso percurso e nos afastarmos do objetivo proposto daremos atenção a essas duas manifestações. Primeiramente, a de José Veríssimo.

Um olhar atento e perspicaz acerca do estudo constituído de três volumes (1902, 1905 e 1910) — **Homens e coisas estrangeiras** (1899 – 1908) faculta a percepção surpreendente de que ali se encontram elaborados ensaios de psicologia rudimentar, mas que ilustram a personalidade do pensador alemão e da grande maioria dos seus leitores. Em **Um ideal de cultura — Sobre uma página de Nietzsche**⁴ afirma que “superficialmente vista a filosofia de Nietzsche é a filosofia dos amorais e dos imorais”. Segundo Veríssimo, Nietzsche, incompreendido, ao falar da transmutação de todos os valores estaria possibilitando justificativas às tendências antissociais ou anti-humanas. Para ele o filósofo alemão revelaria a tendência ao exagero, enquanto característica, enquanto estilo com o objetivo de marcar a ferro seus leitores.

Ainda no terceiro volume da obra em um estudo intitulado **A retórica de Nietzsche**⁵ Veríssimo trata das questões que estão em voga, a saber, acerca da morte da metafísica. Para ele Nietzsche não está de fato um filósofo, nem possui uma filosofia no sentido clássico, mas comportaria sim a filosofia de um poeta, de um grande poeta. Em **Nietzsche**⁶, escrito que faz parte do estudo, mas que se encontra na seção de apêndices, Veríssimo volta a comentar as predileções teóricas dos intelectuais e chega a afirmar que quando as manifestações se fazem ouvir é porque correspondem “à índole do momento”. Segundo Veríssimo haveria uma porção importante de pensadores com tendências individualistas, pessimistas e egotistas, que teriam abraçado a filosofia de Nietzsche por entender que a mesma poderia proporcionar a criação de um mundo novo, onde a expansão do indivíduo pudesse encontrar as condições ideais para se desenvolver, o que significa, livre de todos os preconceitos.

A segunda manifestação, a saber, a de Nestor Victor surge em 1919⁷ reeditada no livro **A crítica de hontem**⁸. Em capítulo dedicado ao pensador alemão descre-

4 VERÍSSIMO, José. **Homens e coisas estrangeiras** — 1889/1908. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003, p. 595-602.

5 *Iden*, p. 611.

6 *Iden*, p. 653.

7 Em artigo intitulado **Nietzsche, intérprete do Brasil? A recepção da filosofia nietzschiana na imprensa carioca e paulistana no final do século XIX e início do XX**, Geraldo Dias afirma que “o texto de Nestor Vítor, F. Nietzsche, publicado no diário O Paiz, em 1900, depois reeditado em 1919 no livro **A crítica de Ontem**, conta entre os primeiros textos de crítica filosófica no Brasil. Considerado como o precursor da crítica filosófica em nosso país, ele foi fortemente impactado pelo pensamento de Nietzsche”.

8 VICTOR, Nestor. **A crítica de hontem**. Rio de Janeiro: 1919.

ve-o enquanto “sentimento de integridade e retidão levado à loucura”. Insinuando estar diante de um pensador “cabotino” descreve os transtornos inerentes a partir da renascença com a crise da civilização cristã. A grande contribuição de Nietzsche estaria na capacidade demonstrada em rir das suas (nossas) próprias mazelas. Victor chega a afirmar que a proibidade intelectual nietzschiana resultou na catastrófica decrepitude racional, que anuviou seu pensamento e alerta: “quem fixa atentamente os olhos deste louco, nunca mais o abandona”.

A pesquisa de Geraldo Dias, de inestimado valor acadêmico, está marco fundamental no assunto, mas deixa transparecer, em sua “conclusão”, a tendência que se fará presente, retroativamente, enquanto exegese e que irá preponderar nos trabalhos subsequentes acerca de Nietzsche, como podemos ver abaixo elencado:

“Em todos os discursos aqui apresentados ressalta-se o fato de que Nietzsche, suas obras e ideias, são abordadas de maneira intermediária. Sempre de modo não direto é que se procura absorver algo novo — Nietzsche, suas obras, suas ideias —, nunca por uma decisão própria, direta, em linha reta com o próprio filósofo, mas sempre fazendo muitas voltas. Tratada por desvios, de forma oblíqua e entortada por preconceitos — nacionais e estrangeiros —, assim a filosofia de Nietzsche foi recepcionada no Brasil, isto é, amplamente, por variados intelectuais, em diversos diários, periódicos e almanaques, porém, sempre de maneira dissimulada, ambígua, duvidosa e equivocada.

Os primeiros discursos de recepção da filosofia de Nietzsche aqui citados não formam propriamente um discurso, mas ecos difusos, pelo menos no sentido de não apresentarem uma abordagem conceitual e filosófica, lógica e ordenada, mas sempre um discurso conduzido pelo entusiasmo da novidade, da moda. Assim a filosofia de Nietzsche foi recepcionada pela imprensa brasileira que, por meio de seus colaboradores, profissionais da comunicação em geral, pela intelectualidade, por amadores e acadêmicos ainda não especializados ele foi lido, ruminado, foi incorporado em pedaços, mediado por traduções ora francesa ou portuguesa e pelas voltas e reviravoltas das recepções estrangeiras”⁹ (grifo nosso).

A partir da catalogação e registro das resenhas e críticas na grande imprensa da época o acadêmico Geraldo Dias buscou promover e apresentar considerações já identificadas e aludidas. Entretanto, o fato de condicioná-las à determinada erudição técnica — “abordagem conceitual e filosófica, lógica e ordenada”, bem como ao preparo profissional distinto dos especializados e não “por ama-

9 DIAS, Geraldo. Primeiros discursos de recepção da filosofia de Nietzsche no Brasil publicados nos Diários e Periódicos nacionais (1900-1935).

Parte do projeto de doutorado que, sob a orientação do Prof. Dr. Ivo da Silva Júnior, foi apresentado ao departamento de Filosofia da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH), no ano de 2014.

dores e acadêmicos ainda não especializados” indica o caminho que se deseja pavimentar: o requerimento de primazia “técnica”¹⁰ acerca do assunto, afazer e ofício alheio aos destemidos de outrora, ainda não vigorante em função dos nossos raros ambientes institucionais dedicados à investigação humanística.

Hodiernamente, todo leitor que dedica seu tempo precioso a ler Nietzsche ou a perseguir suas pegadas através dos atalhos propagados em nossas instituições de ensino, descobre que a questão preponderante que comparece exaustivamente nos estudos nietzschianos brasileiros, beira ao fanatismo exegetico, ao replicar modelos opacos desvinculados de cercanias. Talvez estejamos fadados a estar mais germanistas que os próprios alemães.

Comumente assistimos a uma enxurrada de especulações e interpretações dos complexos nietzscheanos digna de perplexidade. A sintonia discursiva a respeito do legado de Nietzsche atinge o absurdo grau da confraria, a tal ponto, que nos encontramos muito próximos de reproduzir, em nossas malharias, um bigode com os dizeres: *Nietzsche vive-119 anos*. Tal ironia constitui um (*des*)propósito, pois sua suposta “boa intenção” reforçaria a enigmática alusão nietzscheana acerca dos espíritos imbeles que desejam, antes de tudo, transformá-lo naquilo que ele mais temia. Hagiógrafos por conveniência, ilusionistas persistentes transgridem a teimosia ao inculcar, grosseiramente, o capricho condicionado ao culto como prática.

Se há algum aspecto que deveria ser ressaltado, e certamente existem muitos, esse é o cuidado exacerbado que Nietzsche imprimiu como *estilo*, um sentido alegórico de enunciar suas manias. A tensão inerente dos seus escritos não se limita somente, ao emaranhado circundante do cuidado estilístico: vai muito além disso. O mérito singular de Nietzsche, parece residir na capacidade de libertar os conceitos e as palavras do hálito fétido, que as acompanha na triste aventura da transmigração.

Sendo ele um delator do tédio, um conspirador eufórico das anomalias sistemáticas, perguntamos: como foi possível brotar junto ao seu séquito institucional esse agulhão que insiste em se voltar contra si mesmo?

Em função do exposto gostaríamos de deixar transparecer não um julgamento, que seria ingrato, ou inoportuno, da postura universitária preponderante; o texto proposto não vislumbra o revisionismo bibliográfico, tampouco a catalogação de todos os escritos e tendências acerca de comentários esparsos sobre a filosofia ou literatura do pensador alemão no Brasil. O que pretendemos é estabelecer liames concretos entre a suposta mensagem de Nietzsche e a sua ancoragem em solo *tupiniquim*¹¹.

O que se pretende é dar voz a reflexões contundentes legadas ao esquecimento a partir da Bahia, especificamente, através do corpus de Wilson Lins

10 Não obstante a quantidade de páginas dedicadas em revistas especializadas sobre o conceito de *técnica* na filosofia, o fato é que o horizonte de discussão, que sob sua égide se alberga, envolve desde os gregos até a contemporaneidade. A batuta hodierna acerca do tema vem sendo conduzida e orquestrada pelos heideggerianos, que no intuito de primazia e de aprofundamento, cada vez maior, do tema, distanciam-se da reflexão acerca da *técnica* que empregam para fazê-lo!

11 Antiga nação de índios brasileiros, no território da Bahia.

(filosofia e literatura), jovem sertajeno brasileiro do início do século XX. Também se faz necessário sugerir tal fato, por se tratar de abordagem genuína e autoral, importância já identificada nas palavras de Jorge Calmon, proferidas em sua homenagem em discurso de recepção ao novo acadêmico da Academia de Letras da Bahia em 1967: “ter mais valor que qualquer interpretação”¹².

Neste sentido a contribuição do escritor baiano parece comparecer ainda mais fascinante. Relegado ao esquecimento casual, como se desprovido fosse de existência, o registro da ousadia do imberbe ilustre de Pilão Arcado, ao afrontar o explosivo pensador alemão, parece resultar de pré-juízo de especialistas, visto não se tratar de um “acadêmico” e, tampouco, “especializado”.

Entretanto, ao nos debruçarmos sobre os textos de Wilson Lins percebemos a predominância da clarividência lúdica forjada na necessidade habitual de sua circunstância. As fecundas produções nietzscheanas serão devoradas, assimiladas e transportadas ao contraditório mundo ocasional da vida primitiva, destituída de garantias, e irão sugerir — uma vez tomadas enquanto paradigma de análise existencial — considerações acerca do manancial teórico que promoveu e suscitou a definição incipiente de brasileiro, dos afazeres insalubres da política, precisamente, do que significa pensar frente ao imensurável contributo teórico que nos antecedeu e concedeu lugar ao sol, inclusive, acerca de nossa identidade¹³ e delegação cartográfica.

Uma vez afirmado o propósito fica claro que Wilson Lins não promoverá, somente, reflexões e especulações acerca das manifestações megalômanas do pensador alemão, “*che pensava di avere in mano il destino dell’umanità*”¹⁴, mas sim apropriar-se-á de sua “carga explosiva” para interpelar as circunstâncias ao qual estava umbilicalmente vinculado: o inóspito sertão brasileiro às margens do rio São Francisco. Em suas palavras: “expressão daqueles valores que informam e condicionam a maneira de ser do sertanejo”¹⁵, o rio São Francisco e as grandes guerras pela disputa de poder e mando tecidas na esteira política do sertão e que constituem nicho central da história brasileira¹⁶.

Segundo Aramis Ribeiro Costa¹⁷

“O conhecimento de Friedrich Nietzsche, iniciado com a leitura de Assim falava Zaratustra, ampliado no aprofundamento de toda a obra do professor e filósofo alemão, iria desviá-lo por um tempo daquele mundo rude e pragmático da sua infância, impregnando-o de um espírito filosófico e dialético até então inexistente. Mas, não iria desviá-lo da sua vocação de romancista. A prova é que, desse mergulho fundo nas águas densas e fundas de Nietzsche, emerge com o seu primeiro romance, **Zaratustra**

12 CALMON, Jorge. **Discurso de recepção**. Imprensa Oficial da Bahia. Salvador:1968.

13 Artigo abordando a questão da identidade a partir da contribuição de Wilson Lins, especificamente, de “Zaratustra me contou” se encontra publicado na Revista Especiaria – Cadernos de Ciências Humanas, da Universidade Estadual do Santa Cruz de autoria de Lays Silva Santos e Roberto Sávio Rosa.

SANTOS, L. S.; ROSA, R. S. **A recepção de Nietzsche no Brasil a partir da Bahia: Wilson Lins e as vicissitudes de Zaratustra me contou...**

ESPECIARIA (UESC), v. 17, p. 71-85, 2017

14 VERRECCHIA, Anacleto. **La catastrofe di Nietzsche a Torino**. Giulio Einaudi editore. Torino:1978. p. 166.

15 LINS, Wilson. Discurso de Posse. Imprensa Oficial da Bahia. Salvador:1968.

16 O projeto de pesquisa, em andamento, percorre paralelamente a senda literária de Wilson Lins relacionando Filosofia e Literatura e busca estabelecer a influencia de Nietzsche na composição das personagens, bem como de suas idéias centrais.

17 COSTA, Aramis Ribeiro. **O escritor Wilson Lins**. Academia Baiana de Letras, 2010.

me contou, escrito aos dezessete anos de idade, e que teve, em 39, uma edição de mil exemplares, impressa na Tipografia Naval e patrocinada pelo pai coronel”.

Tal inflexão, a de devorar teorias a partir da fome ou moda que nos é própria, parece decorrer do movimento que o precedeu enquanto Semana de Arte Moderna (1922) e que intencionou mostrar as novas tendências artísticas que já vigoravam na Europa, precisamente, a partir da divulgação do Manifesto Antropófago (1928) por Oswald de Andrade, enquanto tentativa de principiar-mos um olhar mais aguçado acerca de nós mesmos — brasileiros — e de estabelecermos problemas, discussões e definições acerca da mistura, da reunião ou ajuntamento de elementos diferentes ou heterogêneos, que formam um todo (nação, cultura, país).

Devemos considerar que a suspeita de Wilson Lins, nascido em 1920, não procurou estabelecer, somente, relações de interesse centradas na especulação histórica, ação recorrente dos grandes organizadores do pensamento preponderante que cavalga sob a proteção do estandarte da ilustração civilizatória, mas buscou assentar interrogações abissais quanto ao fundamento que forjou e edifica a condição do exercício do pensar em solo brasileiro.

A sua escritura (enquanto modo de expressar a sua perspectiva e de exteriorizá-la) foi considerada, pela crítica literária que o submeteu a julgamento aos 17 anos, uma escritura típica do clamor recorrente da juventude, mas em hipótese alguma destituída de força. Com tais prerrogativas Wilson Lins eleger Nietzsche o pensador do seu tempo (ou seja, a ferramenta, o instrumento, que representa o espírito, o símbolo e as características de sua época conturbada no sertão brasileiro e, que em grande estilo responde aos tormentos que assolavam a grande área abandonada à própria sorte, delimitação geográfica *Onde os fracos não tem vez*¹⁸). Mas como definir a atualidade e importância do contranitante Wilson Lins, que ousou fixar as amarras da embarcação do *novo colombo*¹⁹ Nietzsche, nas barrancas do Rio São Francisco *encostando-o*²⁰ em terras brasileiras? E como foi descrito tal acontecimento? Eis o que tentaremos elucidar a partir de então.

O relato de tal acontecimento será fornecido pelo próprio autor no “Discurso de Posse” na Academia de Letras da Bahia proferido em 03 de outubro de 1967:

“Eu tinha quinze anos e havia tomado bomba no terceiro ano de ginásio, quando, por força da minha condição de membro da Juventude Pliniana, comprei um livro de Frederico Nietzsche. De tanto vê-lo citado pelos escritores integralistas, que entre um romance e outro, eu consumia com frenético apetite, con-

18 Alusão ao filme de Joel Cohen e Ethan Cohen **No Country For Old Men** (Onde os fracos não tem vez) – EUA, 2007.

19 Segundo Anacleto Verrecchia em seu livro *La stufa dell'Anticristo – Altri vagabondaggi culturali* no capítulo intitulado La nascita di Zarathustra in Liguria Nietzsche retoma a força do seu pensamento a partir da aquecedora e exuberante paisagem lígure a ponto de permitir comparar sua condição a de Cristovão Colombo. Columbus novus, completa Verrecchia, está, inclusive, o título de uma poesia: “Là voglio andare, e confido / per l'avvenire in me e nella mia mano! / Aperto è il mare: verso l'azzurro / si muove la mia nave genovese. / Tutto diventa nuovo e più nuovo. / Genova è dietro di me. / Coraggio! Sei tu stessa al timone / leggiadrissima vittoria”.

20 Segundo o escritor Guarabira Queiros Lima, natural de Pilão Arcado, terra de Wilson Lins, em conversa entabulada com os autores do texto “as barcas e os vapores gaiola **encostavam** nas cidades e povoados, nos chamados **Porto Franco**, que significa-va, **Porto Público**”. Os ribeirinhos não utilizavam o termo ancorar.

siderei-me na obrigação de ler a sua obra mais falada, o “Assim falava Zaratustra”. *Foi a minha ruína.*

O filósofo do Super-Homem caiu sobre a minha incauta adolescência como um furacão que se fizesse acompanhar de um terremoto. Não ficou pedra sobre pedra. Daí por diante, eu não leria outro autor. Durante dois anos e meio só li Nietzsche. Li tudo que ele escreveu e quase tudo que escreveram sobre ele, inclusive as obras deixadas inacabadas e as cartas alucinadamente lúcidas. Desse mergulho dionisíaco em Nietzsche, eu emergiria inteiramente transformado, mas também transtornado, e com um romance surrealista influenciado por ele, a começar pelo título, que era “Zaratustra me contou”²¹

21 LINS, Wilson. **Discurso de Posse**. Imprensa Oficial da Bahia. Salvador:1968. p. 22.

22 *Iden*, p.23.

Ao escrever em 1937 (Nietzsche faleceu em 1900) “Zaratustra me contou” Wilson Lins revela a perspicácia do jovem brasileiro que, atento aos acontecimentos que assolam e perpassam os principais centros europeus (segunda guerra mundial 1939-1945), arrisca-se a transitar pelas intrincadas sendas do pensador e, a exteriorizar considerações teóricas condicionadas à leitura das teses em terras brasileiras. O autor nos faz notar que o aparecimento de tal livro passou despercebido, mas não obstante o silêncio e desdenho público “ocuparam-se dele críticos como Alceu Amoroso Lima, Eloy Pontes e Oscar Mendes”²².

Tomamos a liberdade de reproduzir algumas passagens, tal qual foram publicadas na contracapa de seu livro **A infância do mundo – Ensaio** publicado em 1946, pela Edição O Imparcial em Salvador, Bahia e que versa sobre *a metafísica de Pascal, a metafísica de Nietzsche, a metafísica de Marx e outros ensaios*.

Segundo Wilson Lins “O artigo de Tristão (de Ataíde, pseudônimo de Alceu Amoroso Lima) quase me faz ir ao Rio para um desforço pessoal”. Em extensa nota de rodapé publicada em **O Jornal**, do Rio de Janeiro, ele começa por dizer: “Este livro tem todos os defeitos. Pessimamente escrito, escrito de oitiva, revela da primeira à última página o despreparo de seu autor”. Após, nas palavras de Lins, “escalpelar” o livro encerra sua crítica com um consolo: “como já disse, esse livro tem todos os defeitos, menos um: o da mediocridade”.

O comentário de Ovídio da Cunha: “Em Zaratustra me contou, do Sr. Wilson Lins, temos a primeira visita do riso regenerador de Rabelais às letras brasileiras”.

Já Eloy Pontes, em 1939, ao escrever suas considerações na **Vida Literária do Rio de Janeiro** afirma: “Zaratustra me contou é um livro que nos faz pensar em Rabelais e no seu riso que encheu todo um século”.

Mas o que impressiona é o comentário do Professor Roger Bastide, da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo – USP: “A divulgação do

pensamento filosófico no Brasil é uma necessidade e o que o senhor Wilson Lins vem fazendo (**Zaratustra me contou** e **12 Ensaios de Nietzsche**) é de suma importância. Adler escreveu na França uma série de volumes do maior interesse sobre Nietzsche. É uma tentativa análoga, talvez mais literária, que Wilson Lins empreende, publicando uma série de livros sobre a evolução do pensamento nietzscheano”.

Mas como nós, distanciados da datação literária de Wilson Lins e vinculados à tarefa de evidenciá-lo, poderíamos sugerir um possível “fio de Ariadne” exclusivo, próprio, em sintonia com as teses nietzcheanas por ele evidenciadas? Não incorreríamos no mesmo argumento da tradição exegeta, que tudo corrompe e adequa segundo critérios alheios aos propósitos autorais, porém familiares ao hermenauta de plantão? Qual o parâmetro que deveríamos estabelecer para conduzir a investigação sem minimamente adulterar a sua característica? Cientes do desafio decidimos conduzir a nossa embarcação amparados pelo texto de Wilson Lins, a partir da sua organização.

O livro **Zaratustra me contou...** publicado pela Tipografia Naval, Bahia, no ano de 1939 está dividido em três partes (Primeira Parte – A terra é um inferno; Segunda Parte – O estado ficção; e a Terceira Parte – O inferno é um paraíso) e foi dedicado a quatro personalidades: Rafael e Lafayette Spínola, Adonias Filho e Jorge Amado.

Antes mesmo de adentrarmos o seu conteúdo, propriamente dito, achamos conveniente permitir ao autor falar por si acerca do seu rebento. Sintonizado com o gesto de Nietzsche, que revisita as obras escritas em vida criando a partir delas sua biografia²³, Wilson Lins replicará no **Introito dos 12 Ensaios de Nietzsche** publicado em 1945 um testemunho. Ao referir a enxurrada de escritos sobre Nietzsche, nos anos do nazi-fascismo faz questão de apontar a firmeza de posição do escritor Heinrich Mann “que foi o único que não satisfez a vontade dos totalitários e não o ofendeu”.

Sobre o seu “Zaratustra me contou” escreve no “Introito”²⁴ de seu segundo livro sobre o filósofo alemão:

“Menor, muito menor que Heirich Mann, na minha insignificância de rapaz de 18 anos, em 1937 escrevi, também, sem ofendê-lo, um livro sobre Nietzsche e seus abrasamentos. No deslumbramento dos meus dezoito anos, o brilho, sinistramente humano, dos olhos de Zaratustra, iluminou-me o espírito. E comigo aconteceu o inverso do sucedido com muita gente: — *Nietzsche que é acusado de ter arrastado muitos jovens para o fascismo, foi quem me arrancou do integralismo*. Isto pode parecer paradoxal, mas foi o que me aconteceu e os amigos, os que viveram comi-

23 *Lettera di Nietzsche all'editore Naumann di 6 di novembre 1888. Annuncio della nascita dell'Ecce Homo: “Mi sono assolutamente convinto di aver bisogno di un altro scritto, uno scritto preparatorio in grado estremo, per potermi presentare, all'incirca dopo un anno, col primo libro sulla Trasvalutazione. Deve essere creata una vera tensione — altrimenti succederà come per lo Zarathustra. Le ultime settimane, dunque, mi sono trovato in uno stato di felicissima ispirazione, grazie a un benessere incomparabile, unico in tutta la mia vita, grazie pure a un autunno meraviglioso e alle attenzioni più delicate, che ho trovate a Torino. Così ho risolto — tra il 15 ottobre e il 4 novembre — un compito estremamente difficile, cioè quello di raccontare la mia vita: me stesso, i miei libri, le mie opinioni, frammentariamente, nella misura in cui ciò era richiesto dal mio scopo. Io credo che a ciò se presterà ascolto, forse anche troppo...”.*

VERRECCHIA, Anaclito. **La catastrofe di Nietzsche a Torino**. Giulio Einaudi editore. Torino:1978. p.127-128.

24 De fundamental importância o texto introdutório, aqui referido, será publicado na íntegra ao final do artigo. Em tom confessional revela a preocupação do autor em deixar claro os caminhos e descaminhos da equivocada inflexão do movimento fascista brasileiro liderado pelos integralistas.

go antes de 1936, sabem disto. Depois que penetrei no fundo da caverna do solitário de Sils-Maria, compreendi que o fascismo não tinha nada em comum com Nietzsche e que o integralismo não passava de um filho bastardo da barbaria neo-pagã de Hitler. Então, eu que havia dois anos vinha me desmoralizando dentro de uma camisa-verde, rasguei a camisa infamante e deixei de fazer a saudação copiada pelos totalitários às estátuas do Coliseu. Pelo mesmo figurino político que levava os escravos da Roma antiga a levantar o braço, saudando o patriciado corrompido, foi feito o integralismo nazi-fascista, que ensina a mocidade a levantar o braço na saudação dos escravos, em honra da burguesia, igualmente, corrompida do nosso século.

*O mesmo Nietzsche, acusado de ter conduzido tanta gente ao calabouço que é o nazi-fascismo, foi o meu redentor, dando-me a mão para sair do charco verde do integralismo*²⁵ (grifo nosso).

Nosso propósito, nesse momento, será então o de apresentar a primeira parte de “Zaratustra me contou” intitulada “A terra é um inferno”. A narrativa em homenagem ao “último profeta do individualismo”²⁶ principia em tom confessional, na primeira pessoa, e busca situar o leitor quanto ao estado ou condição de nosso personagem principal a partir de engenhosa interrogação: *quem é você?*

Destituído de nome, de filiação, de idade, a apresentação do personagem principal (que vem a ser o brasileiro), promovida por Wilson Lins intenciona denunciar a miscelânea de opiniões e sentenças preponderantes de nossa (*de*) formação histórica cultural. Tal característica o leva a vaticinar um percurso sombrio, próprio dos desgraçados, que (*in*)concientes e alheios à sua condição intrínseca desdenham a sua valoração.

O que se apresentará como resposta, no horizonte da interrogação enigmática, está avassalador. “Eu sou o laboratório humano em cujos provetes, retortas e redomas, se plasma o futuro de todas as raças; Aquele a quem a todo instante expulsas de ti”²⁷. O brasileiro segundo Wilson Lins, está a renúncia de si, da sua situação, do seu habitat, da sua alegria libidinal contagiante. Mas como encontrar um sentido abonador em prenúncio tão desolador? Segundo os desdobramentos do texto o sentido reside na introdução de discussão acerca da identidade singular confrontando-a à assimilação da identidade universal.

A narrativa apresenta, em linhas gerais, a descrição da tomada de consciência da personagem a partir de recursos fartamente utilizados na história da literatura e tem como principal fio condutor o mecanismo-argumento de

25 LINS, Wilson. **12 Ensaios de Nietzsche**. Introito. Edição O Imparcial, Salvador: 1945. p. 8-9.

26 *Iden*, p.7

27 LINS, Wilson. **Zaratustra me contou....** Tipografia Naval. Salvador: 1939. p. 9-27.

“viagem empreendida”, da margem (América do Sul) em direção ao centro (Europa) e dos percalços e peripécias que com ela advém. O viés adotado pode ser considerado (metáfora, analogia) da descoberta de si! O sucedâneo de fatos que no percurso se apresentam, instigam a noção de pertencimento, de lugar, de postura, de geografia promotora da afirmação e do fortalecimento do tipo (no sentido de construção de fundamento e princípios). A trama reconstrói, em perspectiva diversa, o argumento nietzscheano edificado em contrariedade ao socrático: “torna-te o que tu és” e não o “sê o que tu és”.

O início é marcado pela junção de três singularidades. Primeiramente o selvagem e indomável habitante do novo mundo embarcado. Em segundo lugar o horizonte quimérico que esse visualiza, a saber, a civilização, a cultura, a história, situados no centro nevrálgico do velho mundo, palco e endereço das grandes façanhas, promotoras da elevação humana. Em meio a eles o oceano Atlântico, herói mitológico, ligação misteriosa entre dois inconciliáveis. O fato marcante da narrativa, mola propulsora do esclarecimento, ocorre em pleno deserto d’água(!) na mais completa solidão e abandono, na imensidão do atlântico em plena travessia. O brasileiro “escuta uma gargalhada trágica e horripilante”²⁸, que emerge dos confins abissais, mas que o toca de forma assustadora!

A partir de então uma sucessão de acasos leva a personagem a promover incursões especulativas acerca das possibilidades que o fizeram despertar para a sua própria condição, como se estivesse atendendo a um apelo, a um chamado. As insistentes dúvidas povoam o seu imaginário, se sonha ou se está acordado, se a existência está a coesão entre corpo e alma, se está lúcido ou louco. Tais argumentos já foram tratados na história da filosofia, da literatura, mas surgem aqui enquanto desconfiança e timidez indicando que a decisão de enveredar por tal percurso, a saber, o caminho da investigação especulativa acerca do que se está (é) ou do que se pode tornar (ser), não estar à altura de existência tão irrisória (objeto de especulação teórica por parte de brasileiros!).

Para superar o rompante reflexivo ao qual se deixou levar e conduzir, o brasileiro viajante decide recorrer a um artifício para se distrair. Em busca de entretenimento resolve preencher o seu tempo com leituras (aqui a ironia refinada de Wilson Lins: o selvagem, que para distrair a mente das armadilhas teóricas que esta lhe impõe e, dos devaneios dela provenientes, espairose com leituras de empréstimo, elevadas, ponto fulcral e fundamental da sacralização e pavimentação da tradição, que insinua a saída do estado de selvageria, justamente, a partir do exercício do letramento e do (re)conhecimento dos cenotáfios humanos)²⁹.

O livro destinado a promover tal descontração está o Zaratustra de Nietzsche. Destinado, pois a retirada do mesmo da mala de viagem ocorre, segundo o

28 *Iden*, p. 13.

29 A alguns anos o público brasileiro foi agraciado com o texto de Peter Sloterdijk **Regras para o parque humano. Uma resposta à carta de Heidegger Sobre o humanismo**. Nele encontra-se delimitado o percurso da domesticação. O melhoramento, tese central do humanismo, passa pelo processo das ditas “boas leituras”!

autor, de modo aleatório aludindo ao velho impositor de catástrofes, o acaso, a responsabilidade dos acontecimentos³⁰. É nesse momento que o leitor irá descobrir a relação de proximidade entre o brasileiro (Wilson Lins) e a obra de Nietzsche, objeto de investigação desse texto, de sua leitura obstinada, da assimilação e uso, da relação com a literatura, com a tragédia de Goethe³¹ e de sua função enquanto ferramenta promotora da antropofagia brasileira. Ao referi-lo, o brasileiro Wilson Lins indica que já realizou a leitura dessa obra várias vezes (treze ao todo) e que ela desempenha um papel preponderante na sua tomada de decisão acerca do “*que é o brasileiro*”, ápice da trama e desfecho/revelação da obra!

Na condução e promoção das cenas somos levados pelo autor ao emaranhado mundo da ilustração universal, artifício metódico e cauteloso da exposição. A cada movimento, no tabuleiro da trama trágica, deparamo-nos com alusões sutis, que informam o percurso da domesticação teórica condensada em receitas suculentas e digeríveis a partir de cardápios ornamentados.

A alusão ao real e à sua duplicidade³², ao espelho e a imagem reflexo invertida³³. Da contravenção contida principalmente na figura do marinheiro³⁴, personagem marcante na edificação do imaginário europeu plasmado por meio de narrativas fantásticas; alusão às vertigens abissais dos romancistas psicológicos e filosóficos³⁵, às distinções poéticas dos românticos; alusão às incursões agonísticas por meio de narrativas históricas e estéticas promotoras de orgulho e vinculadas ao sentimento de nação e cultura³⁶. Todas, enfim, facultam a impressão de estarmos partícipes do grande evento cultural universal, mas somente enquanto coadjuvantes. Diante de eventos inalcançáveis, tal qual o observador no teatro que segue com atenção as peripécias da protagonista, a existência dos trópicos manqueja e, frente a tamanha grandeza e importância da história³⁷, situada além mar, mergulha em cansaço absurdo sem ao menos ter dado o primeiro passo. São as mazelas que advém do hábito de mimetizar e reverenciar os costumes da colonização.

Entretanto, a questão de fundo suscitada parece dizer respeito ao *já percorrido* e não ao *a percorrer*. Explico-me: o que parece interessar ao brasileiro, segundo Wilson Lins, ao fazer obrigatoriamente a revisão de todas as grandes personalidades literárias, filosóficas, históricas, estéticas e sociais, de todas as raças e credos, de conhecer suas aventuras e implicações chegando ao ponto de mimetizá-las em *terras brasilis*, é a determinação obcecada em replicar culturas sem considerar a possibilidade de promover e criar uma própria. Na sanha dessa absorção indiscriminada resultou o abandono de si.

Mas em que reside e qual a principal faceta desse abandono? Segundo Wilson Lins:

30 Wilson Lins parece sugerir tal qual sugere Sófocles: por “sorteio” serão definidas as portas que caberão a cada um dos combatentes na tragédia **Os Sete contra Tebas**.

31 Aqui manifestamos nossa homenagem a Goethe e a sua tragédia **Götz de Berlichingen**. Nesse momento gostaríamos de solicitar ao leitor atenção redobrada. A narrativa de Wilson Lins irá buscar, em um personagem de Goethe, as características reveladoras da origem e formação do brasileiro apresentando, a partir dele, as condições inerentes à nossa constituição. O texto em que abordaremos tal circunstância encontra-se em preparação – prelo. Trata-se de Götz de Berlichingen, “o cavaleiro mutilado da mão de ferro, defensor da liberdade e da justiça em uma época corrupta, foi um amor juvenil de Goethe; e ardente e elegante como um amor juvenil a sua figura generosa se difunde na sua obra. Lípsia, Estrasburgo, Wetzlar e a nativa Frankfurt foram o seu lugar de nascimento; os incitamentos do Pastor e o conhecimento de Shakespeare, o interesse pelo medievo germânico, os estudos históricos e a prática forense, que preencheram e ocuparam a adolescência e juventude do poeta foram os elementos responsáveis pelo seu nascimento”.

GOETHE. J.W. **Götz de Berlichingen**. Versione col testo a fronte, Introduzione e note a cura di Nicola de Ruggiero. G.C. Sansoni Editore. Firenze: 1947.

32 Muito devemos a Platão e sua imagem de mundo duplicado, assim como a Edgar Allan Poe em suas **Histórias Extraordinárias**, especificamente, William Wilson. E o que dizer de Clément Rosset com **O real e seu duplo**, **A lógica do pior** e a **Anti-natureza: elementos para uma filosofia trágica**.

33 Não poderíamos deixar passar a ocasião de fazer uma homenagem ao

“A confusão de todos os estilos de vida, como a de todos os estilos literários, é que caracteriza a incultura de um povo. O bizarro uso de todos os gostos, denuncia de longe a ausência de cultura num povo. O Brasil dos nossos dias, como a Alemanha da mocidade de Nietzsche, é um autêntico exemplo da falta de cultura. A imitação é o nosso principal traço característico.”³⁸

Ao enunciar tal sentença o autor não deseja promover terra arrasada denunciando a miséria que nos abarca a partir de pedestal privilegiado. O que parece querer indicar é que pelo fato de não conseguir cultivar uma angústia que lhe é própria, o brasileiro termina por aderir e empreender jornadas de empréstimo esforçando-se em torná-las excitantes. Esta metabólica propensão à fabricação de simulacros, entretanto, subjugaria e empalideceria gerando hordas amorfas dispostas a enaltecer, dissecar, catalogar e propagar por meio de um mimetismo desvairado e não a criar o seu avesso, a saber, um pôr-se a caminho da reflexão e produção das bases formativas de uma cultura tropical. O esforço delirante insiste em procurar guarida e justificativa junto à deselegante postura dos profanadores e essa resistência peculiar condicionada ao ato da profanação revelaria uma decrepitude do gosto, uma pusilanimidade.

Mas não teria sido, justamente, Nietzsche o “profeta da moral heróica”³⁹, o arauto da filosofia da força? Não teria apregoado ele o desconforto provocado pela litania do rebanho? Partícipes desse préstimo escorregadio nós, os brasileiros, ampliamos cada vez mais o falatório calamitoso. Nossa força parece residir na (*im*)postura dos funâmbulos, que jogam habilmente com as circunstâncias e fazem da agilidade sua mola propulsora. Pusilânimes ou não o fato é que, envoltos pela névoa ofuscante da fineza e da lisura perdemos o gosto apurado pelas grandes aventuras que nos forjaram e pelo atavismo que nos engendrou. Desse modo igualamos ao bufão, que do interior de uma nau atracada comanda sua frota imaginária num misto de simulacro e davaneio.

Em vez de somente replicar os abissais paradoxos das conturbadas experiências alheias deveríamos nos ater a buscar a leveza singular e a espontaneidade natural que nos são próprias considerando-as criadoras de um modo de ser inigualável. Assim foram elas um dia imaginadas e enunciadas pelo *novo Colombo – Nietzsche*, que desejava lançar sua nave ao mar e desembarcar em terras brasileiras. Ao referir, em carta a Peter Gast de outubro de 1886, a prazerosa condição encontrada na Ligúria, especificamente em Gênova terra de Cristóvão Colombo, edifica verdadeiro testemunho, como nos conta Anacleto Verrecchia⁴⁰: “estamos no mês de outubro de 1886 e Nietzsche acaba de se hospedar no Hotel

escritor brasileiro, *Ezio Flavio Bazzo* narrando sinteticamente sua trajetória, influência e marginalidade. Em seu livro **Barbeiros, navalhas e navalhaços** aborda a questão do tema espelho/reflexo que comparecerá recorrente na exposição do jovem Wilson Lins.

34 Aqui nossa sincera homenagem a *Michel Pastoreaux*. Em seu livro **História das listras e dos panos listrados** o escritor francês trata das imagens acerca da contravenção e de como estão relacionadas ao nosso imaginário.

35 Como esquecer do romancista que preenche as inquietações de Nietzsche em Turim, *Fiodor Dostoievski*, com seus livros **Crime e Castigo**, **Memórias do subsolo**, **Os irmãos Karamazov** ou **Os demônios**?

36 Referência explícita à Montaigne (Ensaio: **Dos canibais**), Napoleão Bonaparte e Dante Alighieri.

37 Lembrar da segunda Consideração *extemporânea* de Nietzsche, **Da utilidade e inconveniências dos estudos históricos para a vida** de 1876.

38 LINS, Wilson. **12 Ensaio de Nietzsche**. Edição O Imparcial, Salvador: 1945. p. 74-75.

39 *Iden*, p. 73.

40 VERRECCHIA, Anacleto. **La stufa dell'Anticristo – Altri vagabondaggi culturali**. Fògola Editore. Torino: 2010.

Itália. Na paisagem da costa ligure realiza incursões que o conduzem até Gênova. As cartas que escreve estão as mais belas do seu epistolário

“A circa 400 metri sul livello del mare, lungo la strada che porta alla vetta di Portofino. Ruta Ligure, 10 ottobre 1886. Caro amico, un saluto da questo meraviglioso angolo di terra, dove la saprei più volentieri che a Monaco. S’immagini un’isola dell’arcipelago greco, capricciosamente cosparsa di boschi e di monti, approdata per caso alla terraferma e senza ritorno. *Indubbiamente qui c’è qualcosa di greco, ma anche, d’altra parte, qualcosa di piratesco, di inatteso, di nascosto, di pericoloso. Infine, a una svolta, un tratto di pineta tropicale, che dà l’idea di essere lontani dall’Europa. Qualcosa di brasiliano, come mi dice un commensale che ha fatto più di una volta il giro del mondo. Non sono mai stato tanto in giro, in una vera insularità e in uno stato alla Robinson. Spesso accendo anche dei grandi falò e li lascio divampare dinanzi a me. Vedere la pura e irrequieta fiamma alzarsi, con la sua pancia grigio-chiara, verso il cielo sereno. Tutt’intorno erica e quella felicità ottobrino che si colora di cento specie di giallo*”. (grifo nosso).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito da Filosofia institucionalizada e acadêmica — em que se instaurou a tendência do pensamento no qual o reconhecimento de autoridade pública deve, necessariamente, percorrer os caminhos da universidade — tem sido cada vez mais árduo o estudo de temáticas, esferas, autores, circunstâncias; enfim, filosofias, que não sejam aquelas ligadas ao conceito de “atividade de reflexão teórica, com vocação universal, que opera com métodos argumentativos em contato com a tradição filosófica ocidental” (CABRERA, 2010, p. 12).

No que diz respeito ao Brasil, tal tendência, renúncia e abandona filosofias e leituras filosóficas à marginalidade; mas não somente as formas de pensamento, como também, a identidade onde se encontram e quem estão estas filosofias. Apesar de serem escassos os espaços que oportunizam o lugar de fala destas identidades, a Universidade ainda se constitui como possibilidade de tais diálogos. Retifica-se; a Universidade deve estar sendo, constantemente, o espaço onde a Filosofia se exerça de forma múltipla e investigativa. É com este intento que o projeto de pesquisa **A recepção de Nietzsche no Brasil a partir da Bahia: Wilson Lins e sua circunstância**, estabelecido na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/BA), têm desenvolvido seus estudos.

A imagem do autor baiano Wilson Lins, significou uma abertura para investigações acerca de Filosofias não destituídas de seus lugares, e estes são e

estão identitários, mas não em um sentido substancialista, e sim como uma construção histórico-existencial. É importante salientar que o termo “recepção” não qualifica Wilson Lins como mero receptor ou exegeta das palavras de Nietzsche e do pensamento europeu. Sua escrita anuncia um pensamento antropofágico, transformador e transtornado, além de evidenciar a assunção (mesmo que em tentativa) de sua identidade.

A leitura do **Zaratustra me Contou...** desvela a importância do retorno às circunstâncias que compõem a identidade, mas manifesta o desejo da construção desta por intermédio do eterno por vir/vir a ser. A partir das inquietações suscitadas pelo mergulho na obra e nas referências que constituem as circunstâncias identitárias até aqui, pôde-se iniciar os itinerários pelos caminhos da Filosofia desde o Brasil, desvelando suas marcas de identidades no que diz respeito ao seu vínculo vital e indissociável com a Literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABRERA, Julio. **Diário de um filósofo no Brasil**. Ijuí: Ed. Unjuí, 2010.
- _____. **O cinema pensa. Uma introdução à filosofia através dos filmes**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.
- CALMON, Jorge. **Discurso de recepção**. Imprensa Oficial da Bahia. Salvador:1968.
- COSTA, Aramis Ribeiro. **O escritor Wilson Lins**. Academia Baiana de Letras, Salvador: 2010.
- COUTO, Juliana Oliveira do. **A visão histórica de Herder e o Götz von berlichingen de Goethe**. Revista Trama - e-ISSN 1981-4674, Volume 14, Número 31, 2018. p. 72 – 84. Orientadora: Prof^a Dr^a Magali dos Santos Moura.
- CROCE, Benedetto. **Goethe, con una scelta delle liriche nuovamente tradotte**. G. Laterza e figli editori, Bari: 1919.
- DIAS, Geraldo. **Nietzsche, intérprete do Brasil? A recepção da filosofia nietzschiana na imprensa carioca e paulistana no final do século XIX e início do XX**. Caderno Nietzsche, São Paulo, v. I, n^o35, 2014 p. 89-107. Disponível em:< <http://colunastortas.com.br/biblioteca-nietzsche-livros/> >. Acesso em: 20 mar. 2018.
- _____. **Primeiros discursos de recepção da filosofia de Nietzsche no Brasil publicados nos diários e periódicos nacionais (1900–1935)**. Disponível em: < <http://colunastortas.com.br/biblioteca-nietzsche-livros/> > . Acesso em: 02 abr. 2018.
- GOETHE. J.W. **Götz di Berlichingen**. Versione col testo a fronte, Introduzione e note a cura di Nicola de Ruggiero. G.C. Sansoni Editore. Firenze: 1947.
- JANZ, C. P. **Los diez años de Basilea 1869/1879**. Madrid: Alianza Universidad, 1981.
- LINS, W. **Zaratustra me contou....** Salvador: Tipografia Naval, 1939.
- _____. **12 Ensaios de Nietzsche**. Salvador: O imparcial, 1945.

- _____. **A infância do mundo – Ensaio**. Salvador: O imparcial, 1946.
- _____. **Tempos escatológicos**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1956.
- _____. **Discurso de Posse**. Imprensa Oficial da Bahia. Salvador:1968. p. 22.
- MARTON, S. **Nietzsche abaixo do equador – A recepção na América do Sul**. São Paulo: Editora Unijuí – Discurso Editorial, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro**. Trad. Paulo César de Souza, 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. **Assim falava Zarathustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2011.
- NUNES, Benedito. **A Antropofagia ao alcance de todos**. In: ANDRADE, Oswald de. A utopia Antropofágica. São Paulo: Globo, 1990. (Obras completas de Oswald de Andrade).
- SANTOS, L. S.; ROSA, R. S. **A recepção de Nietzsche no Brasil a partir da Bahia: Wilson Lins e as vicissitudes de Zarathustra me contou....** ESPECIARIA (UESC), v. 17, p. 71-85, 2017.
- SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo**. Editora Estação Liberdade. São Paulo: 1999.
- VATTIMO, G. **Dialogo con Nietzsche**. Milano: Garzanti, 2000.
- _____, **Il soggetto e la maschera**. Milano: Tascabili-Bompiani, 2003.
- VERISSIMO, J. **Homens e coisas estrangeiras**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.
- VERRECCHIA, Anacleto. **La catastrofe di Nietzsche a Torino**. Giulio Einaudi editore. Torino:1978.
- _____. **La stufa dell'Anticristo – Altri vagabondaggi culturali**. Fògola Editore. Torino:2010.
- VICTOR, N. **A crítica de hontem**. Rio de Janeiro: Livraria Editora, 1919.

41 LINS, Wilson. Texto integral que compõe a edição de **12 ensaios de Nietzsche**. Edição O Imparcial, Salvador: 1945.



INTROITO⁴¹

*“Os grandes livros têm uma vida que os seus autores não podem nem avaliar nem prever.
Os grandes livros sabem mais do que os seus próprios autores.”*

Heinrich Mann

Pode parecer temerário escrever sobre Nietzsche, numa época em que qualquer afirmação de independência individual, corre o risco de ser acusada de anti-progressista e contra os interesses das massas. Não sou porém, dos que temem o temerário e por isso, arrisco-me a publicar velhas notas, que, no rolar dos anos, fui recolhendo das minhas leituras e releituras da obra de Frederico Nietzsche, filósofo alemão que teve a desgraça de influir na vida política do mundo, nesse quase meio século de vertigens e desencontros.

Solitário do pensamento puro, longos anos trabalhou o confidente de Zarathustra, manipulando as drogas mentais com que iria revolucionar a alquimia político-filosófica dos nossos dias, alvoroçando primários e evolvidos, conservadores e radicais. Os venenos e tóxicos fabricados pelo genial solitário do niilismo intelectual do século XIX, foram traficados, a três-por-dois, entre gregos e troianos, no mundo inteiro, de maneira que onde quer que se surpreendesse a paixão da violência, subiam os protestos, denunciando, erroneamente, a presença do espírito nietzscheano.

Nietzsche, que, antes de morrer, do seu obscuro anonimato, predissera que a sua obra, até então desconhecida, seria, triunfalmente, saudada pela posteridade, estava longe de saber que a sua profecia se realizaria tão cedo e de maneira tão dolorosa. Porque se é certo que o mundo descobriu a obra de Nietzsche, certo é, também, que não a copreendeu. Se êle de fato é imortal, como se dizia, de lá do seu mundo dionisíaco, invisível, deve ter vociferado o mais violentamente possível, durante os anos malsinados e negros em que os nazi-fascistas, na Alemanha e na Itália, corrompiam a mocidade em seu nome e em seu nome arrastaram a humanidade à mais hedionda das hecatombes.

O pior não era o nazi-fascismo se dizer uma experiência do sonho nietzscheano — e sim o mundo acreditar na infâmia totalitária. Acreditando que a paranóia de Hitler era fruto da filosofia de Nietzsche o velho e decrépito mundo muniquista de Daladier e Chamberlain, dava um insofismável exemplo de incapacidade de crítica, uma vez que a super-independência do homem-superior de Nietzsche, não poderia nunca ser confundida com a cega submissão do infra-homem de Hitler e da Gestapo, ao Estado-Todo-Poderoso. Mas, o velho liberalismo ocidental estava mesmo caduco, de maneira que foi fácil tarefa para o cínico capenga Goebbels e para Alfredo Rosemberg, convencer às pacíficas ovelhas ocidentais, que o autômato e imbecil manequim,

fardado de agente da Gestapo ou de soldado das “S.S.”, era o super-homem como o pretendia Nietzsche. E os doutrinadores da liberal-burguesia muni-quista, engoliram o sabão como queijo e, ato-contínuo, em vez de atacarem, frontal e corajosamente, o nazi-fascismo, que fizeram? Deram início a uma guerra de morte aos símbolos quiméricos deixados por Nietzsche, aos românticos do mundo, como herança.

Desde o aparecimento do nazismo até esta data, centenas de ensaios foram escritos, visando desacreditar a obra de Nietzsche, perante a inteligência universal. E o insulto maior à dignidade do espírito libertário de Nietzsche, está no fato de, enquanto os liberais o atacavam, injuriando a sua obra, os nazi-fascistas de todo o mundo (inclusive integralistas e falangistas), requeriam, o Diabo sabe a quem, investigação de paternidade e, mascarados de filhos de Nietzsche, vinham para a imprensa, para o livro e para o rádio, defender aquele a quem a posteridade chamará de FILHO UNIGÊNITO DE DEUS. Na Alemanha de Hitler, antítese da Alemanha de Goethe, Beethoven e Marx, foram erguidos verdadeiros templos em honra a Nietzsche e nada poderia ter sido mais injurioso à sua memória. Os nazistas pareciam sequiosos de ofender o amigo íntimo de Zeus e reencarnação de Dionísios, pois chegaram ao requinte de entronizá-lo, lado a lado, com Wagner, alemão que Nietzsche abominava, tanto que, em vista do povo germânico gostar da música que êle compunha, perguntava: “que futuro podem ter os alemães?”

A entronização de Nietzsche ao lado de Wagner, na ditadura totalitária, não tinha razão de ser. Os loucos cabeças-quadradas dos ridículos batalhões ruidosos que marchavam a passo de ganso, sobre a bandeira da cruz swastica, gostavam da música ultragermânica do ariano Ricardo; igual sentimento, porém, já não alimentavam, em relação aos livros de Nietzsche.

Os livros de Nietzsche contêm muitas verdades a propósito da Alemanha e do povo alemão, para que os orgulhosos “olhos de peixe” da falecida Grande Alemanha gostassem dêles... Não construirá nenhuma novidade, afirmamos, aqui, Nietzsche é o menos alemão dos alemães. Como Heine, êle é muito mais francês, que submisso cidadão do Reich. No seu anarquismo consciente, na sua rigorosa e metódica indisciplina, Nietzsche pode ser filiado a qualquer corrente do pensamento contemporâneo, menos ao nazi-fascismo. É verdade que os carrascos totalitários das juventudes alemã e italiana, viviam com as bochêchas cheias de frases arrancadas aos livros de Nietzsche, mas por manobra, como propaganda e não por influência da filosofia do Último Profeta do Individualismo.

Os movimentos de massa que, na Itália, Alemanha e outros países, embasbacaram o bom-senso pequeno-burguês das ruas, com paradas e braços levantados, eram, inteiramente, desdituídos de sentido ideológico. Não pas-

sava o mesmo, de arregimentação de desocupados, que, marchando, pitorescamente, sob o comando de literatos fracassados, encontravam na política um novo meio de encher as suas horas vazias de ociosos constitucionais. Mas, como brincar de batalhão, (como fazem os meninos com os seus fuzis de pau e boné de papel de gazeta), terminaria por enfarar os marmanjos fantasiados de centuriões romanos, os Mussolinis e Plíneos começaram a berrar, nas praças-públicas, frases copiadas dos livros de Nietzsche, como: - “viver perigosamente”, “justo é o que me convêm, o que convêm a minha tribo”. As frases de Nietzsche eletrizavam as multidões e por todos os quadrantes do globo surgiram macacos e zebras metidos na pele niebelûngica do Super-Homem. Todos achavam graça da palhaçada, sem atentar no perigo que aqueles palhaços poderiam vir a constituir para o mundo. Os poucos que pressentiam o perigo, quando se externavam a propósito do mesmo, o faziam erradamente, apontando Nietzsche como o culpado pelo assassinio moral da humanidade. Serem apontados como materialização dos sonhos do filósofo da “vontade de poder”, era o que queriam aqueles escravos do exibicionismo. E nesse desejo, eram plenamente satisfeitos pelos escritores pequenos-burgueses de todos os países. De todos os que escreveram sobre Nietzsche durante os anos do nazi-fascismo, Heinrich Mann foi o único que não satisfez a vontade dos totalitários, em serem apontados como rebentos da árvore nietzscheana. Em seu ótimo ensaio sobre o pensador da “Alegre Ciência”, Heinrich Mann situa os nazistas no seu verdadeiro lugar de aventureiros vulgares, fora da esfera de influência do Super-Homem. O mesmo, infelizmente, não aconteceu com os demais autores que trataram de Nietzsche, de 1920 para cá. Durante o negro período em que o mundo cambaleou sob o peso dos golpes do fascismo, tudo o que foi escrito sobre Nietzsche, o foi apaixonadamente. Era com paixão que os democratas o feriam. Era com paixão que os fanáticos da Nova Ordem, o chamavam para si ferindo-o também. A obra do místico solitário, mutilada de todos os lados, sofreu terrivelmente. Só o democrata Heinrich Mann não o ofendeu.

Menor, muito menor que Heinrich Mann, na minha insignificância de rapaz de 18 anos, em 1937 escrevi, também, sem ofendê-lo, um livro sobre Nietzsche e seus abrasamentos. No deslumbramento dos meus dezoito anos, o brilho, sinistramente humano, dos olhos de Zaratustra, iluminou-me o espírito. E comigo aconteceu o inverso do sucedido com muita gente: — Nietzsche que é acusado de ter arrastado muitos jovens para o fascismo, foi quem me arrancou do integralismo. Isto pode parecer paradoxal, mas foi o que me aconteceu e os amigos, os que viveram comigo antes de 1936, sabem disto. Depois que penetrei no fundo da caverna do solitário de Sils-Maria, compreendi que

o fascismo não tinha nada em comum com Nietzsche e que o integralismo não passava de um filho bastardo da barbaria neo-pagã de Hitler. Então, eu que havia dois anos vinha me desmoralizando dentro de uma camisa-verde, rasguei a camisa infamante e deixei de fazer a saudação copiada pelos totalitários às estátuas do Coliseu. Pelo mesmo figurino político que levava os escravos da Roma antiga a levantar o braço, saudando o patriciado corrompido, foi feito o integralismo nazi-fascista, que ensina a mocidade a levantar o braço na saudação dos escravos, em honra da burguesia, igualmente, corrompida do nosso século.

O mesmo Nietzsche, acusado de ter conduzido tanta gente ao calabouço que é o nazi-fascismo, foi o meu redentor, dando-me a mão para sair do charco verde do integralismo. Tal fato não julgo paradoxal. Paradoxal é ser fascista por intermédio de Nietzsche. Por intermédio de Nietzsche ninguém, logicamente, chega ao fascismo. É mais fácil ser comunista ou anarquista através de Nietzsche, que fascista por obra e graça da influência dos seus livros.

Muitos fascistas, diante da derrota internacional do fascismo, estão lamentando terem sido fascistas e procuram se desculpar, acusando de cumplicidade no seu crime a Deus e ao mundo. Há até os que dizem ter entrado no fascismo pela porta da Igreja Católica. Tudo isto é vergonhoso e covarde. Eu que fui integralista até 1937 (antes do golpe), não culpo a ninguém pelo meu crime. Nem mesmo à minha ingenuidade, à minha inexperiência dos meus quinze anos (idade em que me inscrevi na “Juventude Pliniana”), pretendo culpar pelo mau passo que dei. Embora tenha recuado em tempo, após reconhecer o meu erro, ainda não me perdoei a mim mesmo, pela insensatez de ter vestido a camisa-verde. Embora desde 1937, desde a publicação do meu livro de estréia, “Zaratustra Me Contou...” eu venha mantendo uma luta de vida e morte com o integralismo, embora os integralistas me honrem com o seu ódio mais feroz, ainda não me sinto aliviado, de todo, do peso do remorso de ter sido fascista.

E por não me sentir de todo livre do crime de ter sido integralista, publico agora este livro com o qual procuro reabilitar a figura caluniada do grande contemporâneo de todas as gerações — Frederico Nietzsche.

Nietzsche não nega Deus. Apenas acha que Deus é terrível. A sua obra é a negação da truculência, embora seja a afirmação da violência. Inegavelmente, Nietzsche é a violência, mas violência da dignidade em face da canalhice, a violência da inteligência em face da estupidez, a violência da verdade contra a mentira, a violência do caráter contra a corrupção, a violência do Direito contra o crime, da Liberdade contra a opressão, da Justiça contra injustiça, da Moral contra o amoral, da humanidade contra a miséria — do Homem contra Deus.

Nietzsche não nega Deus. Apenas acha que Deus é terrível. Está em toda parte, Vingando! Vingando! Na vingança de Deus, está a origem da tragédia dos homens. E a Verdade, onde está?

Deixemos que Nietzsche responda. Percorramos os livros de Nietzsche. Os livros de Nietzsche são terríveis como os afagos de Deus e como os afagos de Deus iluminam e martirizam, redimem e matam. O mundo oscila entre o Deus e o Diabo. Íntimo dos dois, Nietzsche tem em si todos os germens da contradição — da Verdade e da Mentira, da Felicidade e da Dôr — e embora nos faça sofrer, está Além do Bem e do Mal, como êle próprio dizia.

... O certo não está em ser agradável, mas em ser justo. E é isso que procuramos ser na presente viagem através os livros do primogênito de Pan.